

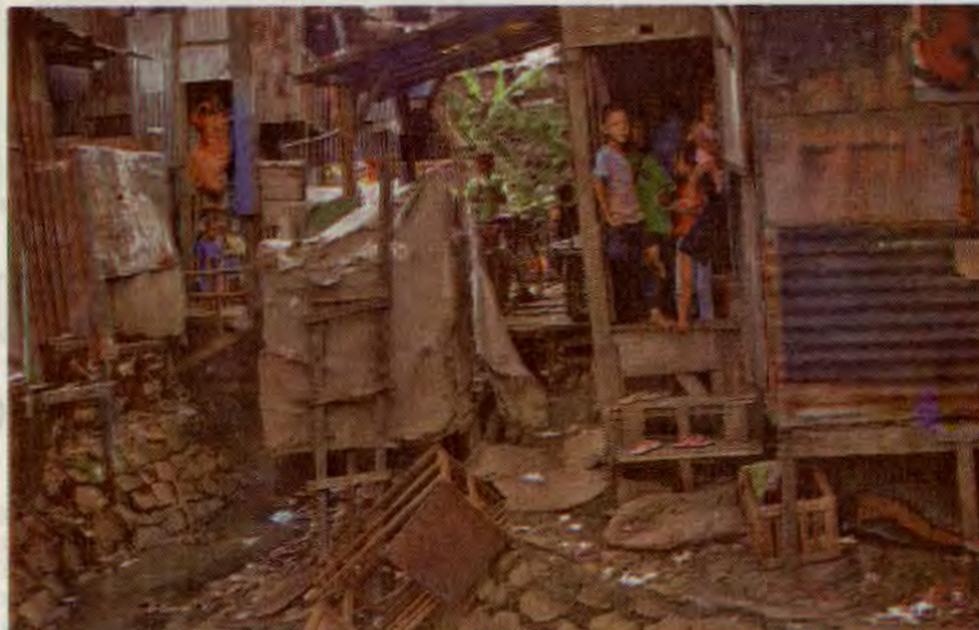
DIREITOS HUMANOS E ODS

Relator da ONU ataca políticas do FMI

AS políticas de empréstimo do Fundo Monetário Internacional (FMI) estão a prejudicar activamente algumas das prioridades de Direitos Humanos e de desenvolvimento das Nações Unidas, assim como promovem políticas "fracassadas" de privatização e austeridade fiscal, alertou um perito independente comissionado pelas Nações Unidas.

"A dimensão de Direitos Humanos nos empréstimos não pode mais ser ignorada", disse Alfred de Zayas, relator independente para a promoção de uma ordem internacional democrática e equitativa, à Assembleia Geral da ONU.

Apresentando uma série de propostas de mudanças, o especialista da ONU disse que era hora de políticas de empréstimos "inteligentes" que estimulem os



Estados a honrar os seus compromissos de direitos humanos e desenvolvimentos, em vez de dificultar esse processo.

"Deploro o facto de que as práticas de empréstimos das instituições financeiras internacionais muitas vezes vão contra os objectivos das Nações Unidas, não apenas no campo dos direitos humanos, como também na conquista dos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)", disse.

"O FMI actualmente impõe condições (...) que frequentemente aumentam o desemprego, reduzem os padrões que regem trabalho, saúde e meio ambiente, e diminuem o acesso à educação gratuita de qualidade."

O especialista disse ainda que o Banco Mundial e o FMI precisam trabalhar em conjunto com o

Sistema ONU, incluindo as suas agências especializadas, fundos e programas, como a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) e a Organização Internacional do Trabalho (OIT).

"As políticas e práticas actuais do Banco Mundial e do FMI têm um impacto enorme nas vidas de milhões de pessoas, principalmente as mais vulneráveis, os jovens e os idosos", considerou o relator.

Zayas pediu que o FMI revisasse os seus Artigos do Acordo para garantir que o bom planeamento financeiro também promova o desenvolvimento e os direitos humanos.

Os representantes do FMI disseram à AFP que não comentariam o relatório da ONU.